



Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental dos Catadores de Caranguejo de Magé-RJ

Camilla Ribeiro da Silva Lírio
(LATEC/UFF)

Este trabalho é parte integrante do Projeto Caranguejo Uçá, realizado pela Ong Guardiões do Mar, patrocinado pela PETROBRAS, por meio do Programa Petrobras Ambiental, na área do Conleste – RJ – Brasil.

Resumo: O presente estudo é um diagnóstico socioeconômico dos catadores de caranguejo do município de Magé - Rio de Janeiro, os dados foram obtidos através de visitas a campo e aplicação de questionários, de maneira a atualizar o perfil da atividade da catação nesta localidade. Os resultados foram similares entre os gêneros masculino e feminino para: escolaridade, participação em órgãos de classe, número de áreas coletadas por catador, tipos de coleta, número de caranguejos coletados semanalmente e comercialização, e diferentes para: prole, benefício governamental, áreas de coleta, e faixas de renda pessoal e familiar. Foi possível a constatação de que houve uma evolução social ao longo dos anos para os catadores em geral, porém ao se comparar os gêneros, percebe-se uma maior dificuldade para as mulheres nesta atividade. O objetivo deste trabalho é contribuir para o conhecimento do perfil socioeconômico e da coleta do catador de caranguejo do município de Magé.

Palavras-chaves: Catador de caranguejo. Magé. Diagnóstico Socioeconômico.

1. INTRODUÇÃO

Os manguezais são ecossistemas costeiros situados na interface entre os ecossistemas terrestres e marinhos. Estão situados em áreas costeiras abrigadas (como estuários, baías e lagunas) de regiões tropicais e subtropicais (ALONGI, 2002).

No Brasil, se estendem desde o estado do Amapá até o de Santa Catarina (YOKOYA, 1995). É um dos mais importantes ecossistemas da costa brasileira, constituindo uma fonte essencial de recursos, tais como madeira, remédios, tinturas, peixes, crustáceos e moluscos (ALVES & NISHIDA 2003).

Este ecossistema ainda destaca-se por sua alta produtividade e diversidade funcional, possuindo elevada importância ecológica, econômica e social. Apesar de existirem fatores numa escala global, que regem a ocorrência de manguezais em determinada região, os atributos estruturais e funcionais de cada manguezal são regidos pela interação de fatores em escala regional, conhecido como “assinatura energética”, que é a descrição dos compartimentos de energia que operam os ecossistemas, influenciando suas funções, e o ecossistema de manguezal é altamente subsidiado por energias externas, e fatores em escala local (por exemplo, associados a frequência de inundação pelas marés) (SOARES *ET AL.*, 2003).

A concentração demográfica na zona costeira, e sua forma caótica de organização, fazem do ecossistema manguezal um dos mais pressionados pela ação antrópica. Mesmo com uma vasta legislação nas mais variadas escalas do poder, as quais estabelecem o manguezal como área de proteção permanente (APP) e dos esforços para o uso racional do meio, como o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro Integrado (PNGC, 1990), é comum observar em áreas de manguezal práticas supressivas, como o corte e aterro da vegetação, lançamento de efluentes e resíduos domésticos e industriais, contribuindo para o incremento da eutrofização (VASQUES, 2011).

O último trecho representativo de manguezais na região metropolitana do Rio de Janeiro se localiza na orla oriental da Baía de Guanabara, conhecida também como “Recôncavo da Baía de Guanabara” (hoje restrito à Área de Proteção Ambiental de Guapimirim – APA de Guapimirim)

vem sofrendo há décadas, uma constante destruição por aterros, drenagens e depósito de lixo (REIS, 2011).

A área de estudo do presente trabalho, é o município de Magé, pertencente ao Recôncavo da Baía de Guanabara. A pesca e a cata de caranguejo são algumas das atividades desenvolvidas pelas comunidades pesqueiras que vivem neste local, passadas de geração a geração.

Segundo Blandtt e Glaser (2000), as sociedades humanas e o recurso caranguejo constituem uma rede estrutural econômica que se envolve em meios e processos de produção e comercialização, através de práticas rudimentares de exploração social, econômica e ecossistêmica.

A captura é realizada manualmente ou com a utilização de alguns instrumentos, adaptados pelo próprio catador para facilitar o acesso ao crustáceo, como a redinha por exemplo. Os catadores de caranguejo são grupos economicamente marginais, extremamente pobres e pouco reconhecidos entre outros pescadores artesanais. Resistem a uma desagregação cada vez mais intensa, provocada pela degradação crescente do ambiente de coleta e pela falta de incentivos externos (NORDI,1992).

A comercialização geralmente é feita através de intermediários, uma vez que os catadores têm dificuldade de vender o produto eliminando a figura do intermediário, pois essas atividades conflitam com as coletas e necessitam de habilidade adicional (NORDI, 1995, 1994).

Para esses trabalhadores, a catação de caranguejo-uçá consiste na principal atividade. Costumam ficar à margem da participação das organizações de produção, não sendo identificados, inclusive, em cadastro como pescadores (IBAMA,1994).

O Uçá, cientificamente chamado de *Ucides cordatus*, é um caranguejo semi-terrestre que ocorre apenas em áreas de manguezal. O grande porte na fase adulta e sua abundância tem favorecido sua extração em várias regiões brasileiras, onde é utilizado como alimento pelo homem (FAUSTO-FILHO, 1968). Por estar estreitamente vinculada aos manguezais e ao seu estado de preservação, sua coleta é mais diretamente afetada pelos vetores de pressão antrópica, representados pela ampliação da área urbana, crescimento populacional e a consequente degradação de habitats.

Neste artigo foi estudada a comunidade de extrativistas de *Ucides cordatus* do município de Magé, cuja única fonte de subsistência ou a mais importante fonte de renda provém da cata e comercialização deste recurso natural. Conhecer seu perfil socioeconômico e aspectos ambientais

de sua atividade é uma contribuição ao conhecimento para um possível gerenciamento integrado, no período de recrudescimento de pressão antrópica na região.

1.2 OBJETIVOS DO ESTUDO

1.2.1 Objetivo Geral

Contribuir para o conhecimento do perfil socioeconômico e dos diferentes procedimentos de coleta do catador de caranguejo do município de Magé – Estado do Rio de Janeiro.

1.2.2 Objetivos Específicos

Identificar, quantificar e comparar, no universo amostral dos questionários respondidos, os aspectos social, ambiental e econômico em relação a:

- Gênero; escolaridade; prole; benefício (os) governamental (is) e representação de classe;
- Área (as) de coleta(s), formas de captura e quantidade semanal; e
- Local de comercialização, rendas pessoal e familiar.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é parte de ações suplementares do Projeto Caranguejo Uçá, realizado pela Organização Não Governamental Guardiões do Mar, patrocinado pela PETROBRAS, por meio do Programa Petrobras Ambiental, na área do Conleste – RJ – Brasil.

A escolha do município de Magé se deu pelo fato de ser um dos municípios da área de abrangência do mesmo, e pela grande população de catadores na região.

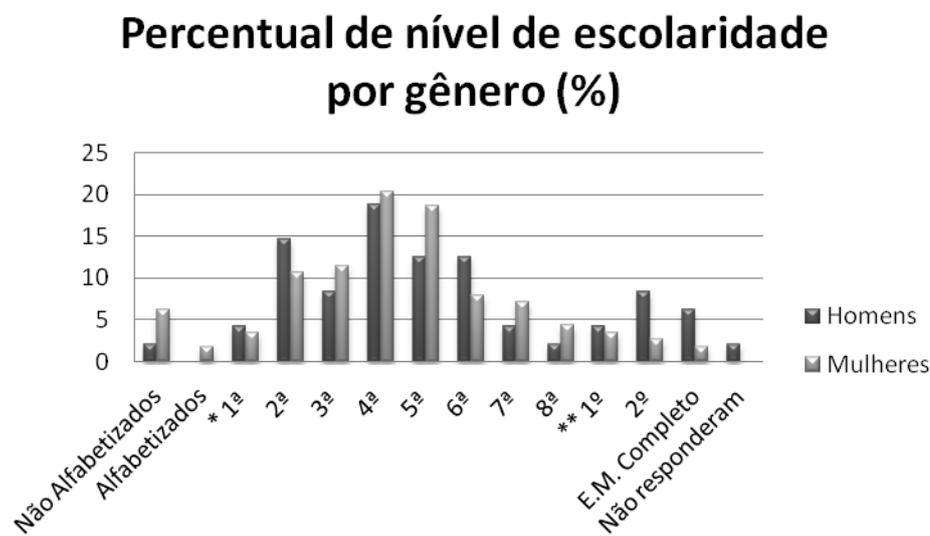
Foram realizadas visitas a campo nos bairros de Suruí e Barbuda e na Associação dos Catadores de Caranguejo do Município de Magé (ACAMM), a fim de fazer o levantamento de dados. A primeira etapa foi de mobilização e apresentação do objetivo do trabalho. Depois foram aplicados os questionários a um total de 161 catadores, sendo deste total, 48 mulheres e 113 homens. O período de coletas dos dados foi de janeiro a junho de 2013.

O questionário utilizado foi uma adaptação do confeccionado para o projeto Recooperar, elaborado por Bispo e Belga (2007).

Os resultados obtidos permitiram delinear o perfil socioeconômico da população dos catadores de caranguejos de Magé, observar aspectos referentes ao recurso que exploram, e à sua qualidade de vida em relação a todo esse contexto. O formato de apresentação foi através de tabelas e gráficos utilizando o Excel 2010.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos em relação à escolaridade, tanto para homens quanto para mulheres foi parecido, mostrando que independente do sexo, a maior porcentagem, em ambos os casos, estudou até a quarta série, como mostrado na Figura 1. Este dado não corrobora com os resultados encontrados por Alves e Nishida (2003), em que a grande maioria dos entrevistados era analfabeta ou semianalfabeta e apenas 20% era alfabetizada, e nem com Nordi (1992), em que 71% dos entrevistados eram analfabetos e 28% semianalfabetos.



* Ensino Fundamental

** Ensino Médio

Figura 1: Classificação do percentual do nível de escolaridade dos catadores e catadoras de caranguejo do município de Magé no ano de 2013.

Quanto à prole, a maioria das mulheres (33,3%) tem três filhos, enquanto que os homens têm dois (22,5%). O gráfico de percentual de prole por gênero (Figura 2), não mostra uma similaridade entre homens e mulheres.

Percentual de prole por gênero (%)

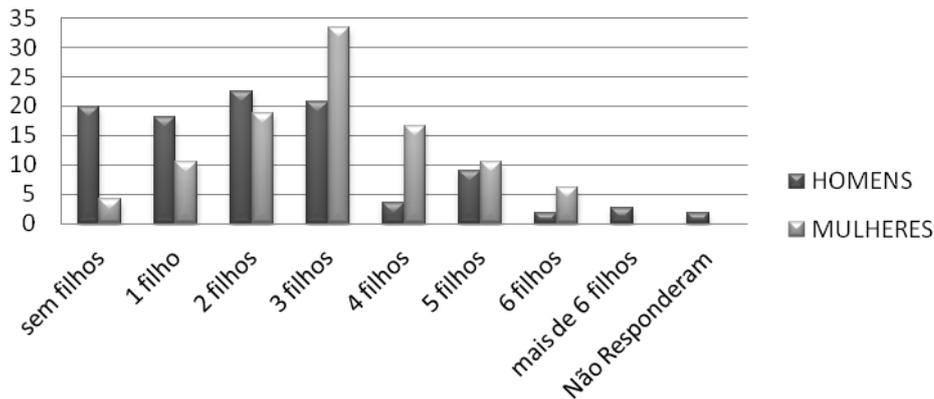


Figura 2: Classificação do percentual de prole dos catadores e catadoras de caranguejo do município de Magé no ano de 2013.

Quanto ao benefício governamental (Figura 3) foram observados resultados opostos entre os gêneros. A maioria dos homens (68%), não recebe o benefício, enquanto que a maioria das mulheres (58%) recebe. Na totalidade das mulheres e entre mais de 90% dos homens, que recebe benefícios, o Bolsa Família é a modalidade mencionada.

Benefício governamental (%)

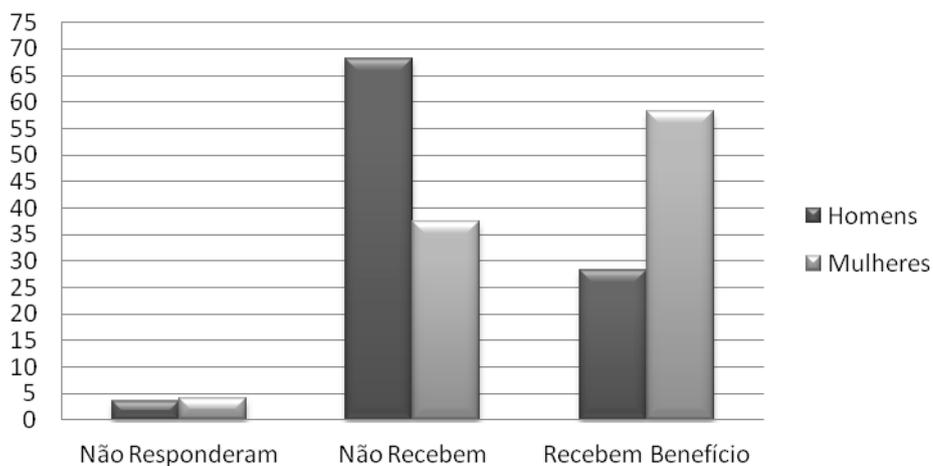
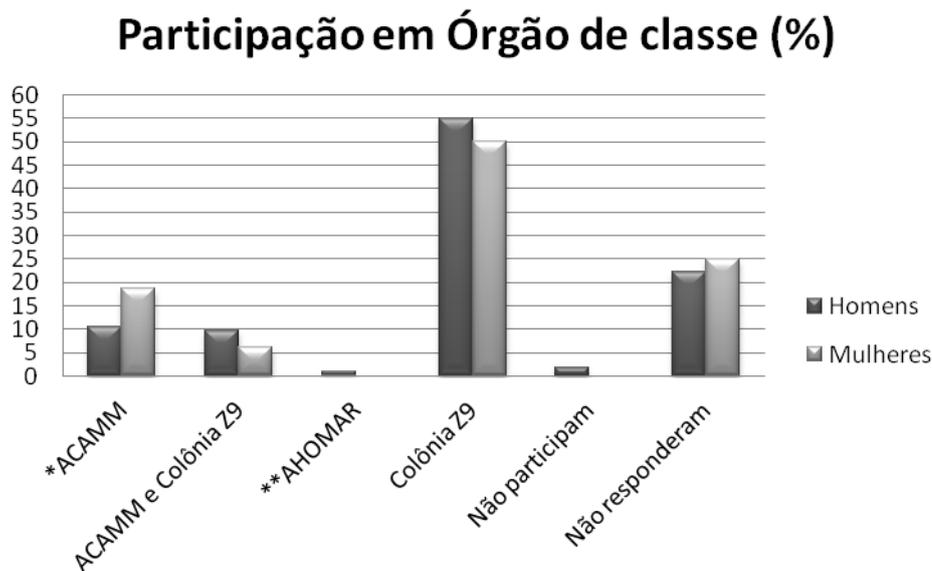


Figura 3: Percentual do recebimento de Benefício Governamental dos catadores e catadoras de caranguejo do município de Magé no ano de 2013.

No gráfico de Participação em órgão de classe (Figura 4) fica evidente a preferência dos catadores pelo vínculo à algum órgão, seja associação ou seja colônia. Menos de 2% dos homens não apresenta nenhum tipo de vínculo, enquanto que nenhuma mulher encontra-se desvinculada.

Diferente do que Nordi (1992) encontrou sobre os catadores da região da Várzea Nova na Paraíba, de que os catadores de caranguejo eram grupos economicamente marginais, extremamente pobres e pouco reconhecidos entre outros pescadores artesanais, e do IBAMA de 1994, que disse que para a região de Fortaleza, esses trabalhadores costumam ficar à margem da participação das organizações de produção, não sendo identificados, inclusive, em cadastro como pescadores, foi encontrado uma realidade diferente para Magé. De acordo com os resultados obtidos, os catadores desta localidade são reconhecidos, com a maioria participando de Órgãos de Classe, não corroborando também com Rosa e Mattos (2010) que disseram que a maioria não possui registro de autonomia.



*Associação dos catadores do município de Magé

** Associação homens do mar da Baía de Guanabara

Figura 4: Percentual de catadores e catadoras de caranguejo do município de Magé (ano de 2013) que pertence à órgãos de classe e especificação desses órgãos.

Dentre as áreas de coleta, as mais citadas pelos homens (Figura 5) foram em ordem decrescente: Suruí, Morro Grande, Macacú, Guaxindiba e Guapimirim, Rio estrela e Guaraí. As outras localidades menos citadas foram agrupadas, totalizando em 16%.

Áreas de coleta (%) - Homens

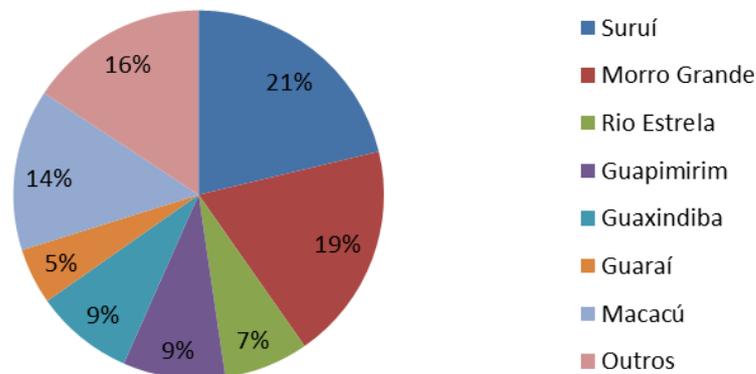


Figura 5: Áreas de coleta mais citadas pelos catadores caranguejo (homens) do município de Magé no ano de 2013.

Entre as mulheres (Figura 6) também em ordem decrescente, foram mencionadas: Suruí, Guapimirim, Morro Grande, Piedade, Feital, Guaxindiba e Macacú. Assim como foi feito para os homens as outras localidades menos citadas foram agrupadas e totalizaram em 20%.

Áreas de coleta (%) - Mulheres

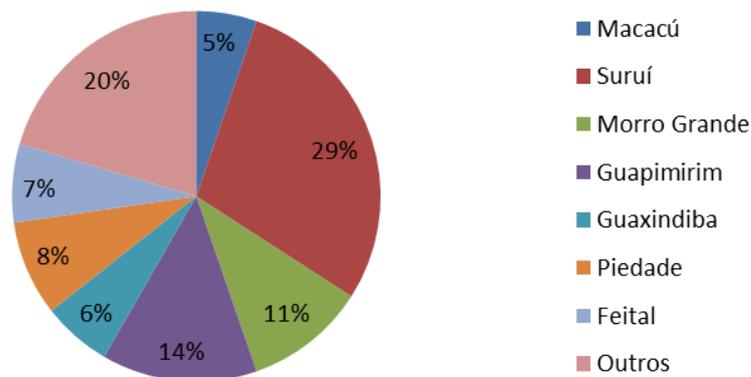


Figura 6: Áreas de coleta mais citadas pelas catadoras caranguejo do município de Magé no ano de 2013.

Tanto os homens quanto as mulheres dificilmente praticam a atividade de catação em uma única área (Figura 7). Apenas 7% dos homens e 12,5% das mulheres catam em uma somente. Tal fato pode ter relação com a questão da facilidade e o tempo gasto na captura do crustáceo. Já quanto ao aspecto ambiental, tal fato é positivo, pois se diminui a exploração do recurso em uma determinada área com o rodízio dessas localidades. Dessa maneira, o recurso pode ser explorado de forma mais sustentável, sem que se chegue ao seu esgotamento.

Número de Áreas de coleta por catador (%)

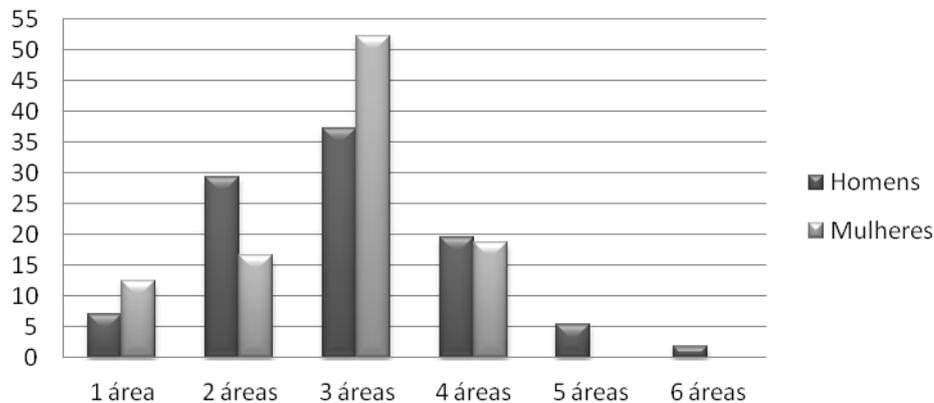


Figura 7: Numero de áreas em que os catadores do município de Magé praticam a coleta do caranguejo (ano de 2013).

Quanto à forma como os catadores coletam o caranguejo (Figura 8), 59% dos homens e 48% das mulheres utilizam a redinha (utilização de um emaranhado de fios de saco de polipropileno, colocado na entrada da toca de forma que o animal fique preso ao subir em busca de oxigênio e alimento) e a técnica de braceamento (retirada do caranguejo enfiando o braço na toca). Sendo que 39% dos homens e 52% das mulheres utilizam apenas a redinha.

1% dos dos homens utiliza somente a técnica braceamento, e 1% foi também obtido para a coleta com redinha e lata de PVC ou mais conhecida como ratoeira (estrutura de alçapão feito com lata, PVC ou madeira utilizada na captura de caranguejos). A ratoeira é utilizada especialmente na captura de *Cardisoma guanhumi*, sendo raras vezes empregada na coleta de caranguejos-uçás (MAGALHÃES et al. 2011). Este fato foi observado no presente trabalho, por isso provavelmente somente uma pequena porcentagem foi correspondente a esse tipo de captura.

Isso demonstra que mesmo a redinha sendo proibida (Portaria nº 52, de 30 de setembro de 2003), ainda é o petrecho mais utilizado por todos os catadores independente do gênero, conforme Rosa e Mattos (2010) já haviam constatado. O que não corrobora com os resultados encontrados por Alves e Nishida (2003) e por Nordi (1992), em que as técnicas mais utilizadas eram o tapamento (obstrução da toca) e o braceamento.

De acordo com Magalhães et al. (2011) a principal vantagem para o uso da redinha, está na praticidade, pois exige pouco esforço físico por parte do pescador, porém ocasiona uma baixa

seletividade, além de ser insustentável para as populações em longo prazo e de poluir o manguezal.

Tipos de coleta por gênero (%)

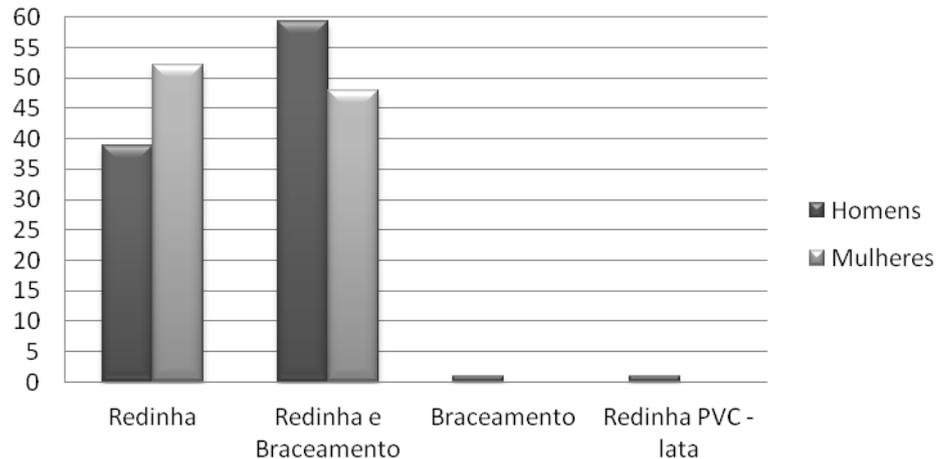


Figura 8: Tipos de coleta citadas como utilizadas pelos catadores de caranguejo (homens e mulheres) do município de Magé no ano de 2013.

Na Figura 9, são apresentados o número de caranguejos coletados semanalmente, por gênero. A maior parte das mulheres (33%) cata de 100 a 200, com o segundo pico acima de 700 (27%). Tal fato induz a se pensar que o número da amostragem de mulheres que se disponibilizaram a responder os questionários tenha sido o suficiente se comparado à dos homens.

Em relação ao gênero masculino, 45% dos homens cata acima de 700 unidades por semana, com uma porcentagem crescente na faixa de 201 a 300 até a faixa acima de 700, exceto pela faixa de 501 a 600, que não teve representatividade para ambos os gêneros.

Número de caranguejos coletados semanalmente

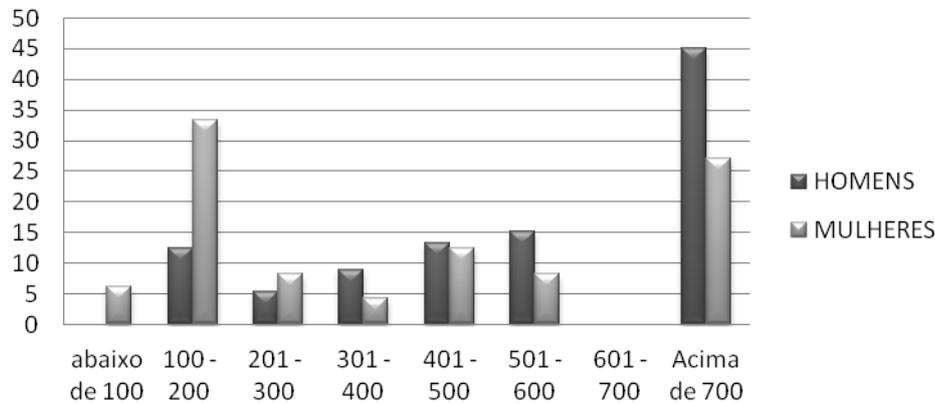


Figura 9: Unidades de caranguejo coletadas semanalmente por porcentagem de catador no município de Magé, ano de 2013.

Os gráficos de renda pessoal e renda familiar (Figuras 10 e 11) foram similares, permitindo a interpretação de que o catador independente do gênero, tem como única renda familiar a sua própria, ou seja, o catador é o “provedor (a)”.

As faixas entre R\$1001,00 e R\$1200,00 nos dois gráficos, entre os homens, apresentou maior percentual. Enquanto que para as mulheres, as faixas mais representativas foram entre R\$601,00 e R\$800,00.

A maioria dos catadores recebe até dois salários mínimos com a atividade da catação, corroborando com os resultados encontrados por Rosa e Mattos (2010) e ao contrário de Alves e Nishida (2003) que, para a maioria dos catadores, acharam uma renda mensal inferior a um salário mínimo. Tal fato pode estar também associado a região, os primeiros autores citados pesquisaram no Sudeste e os outros no Nordeste.

Faixa de renda pessoal (%)

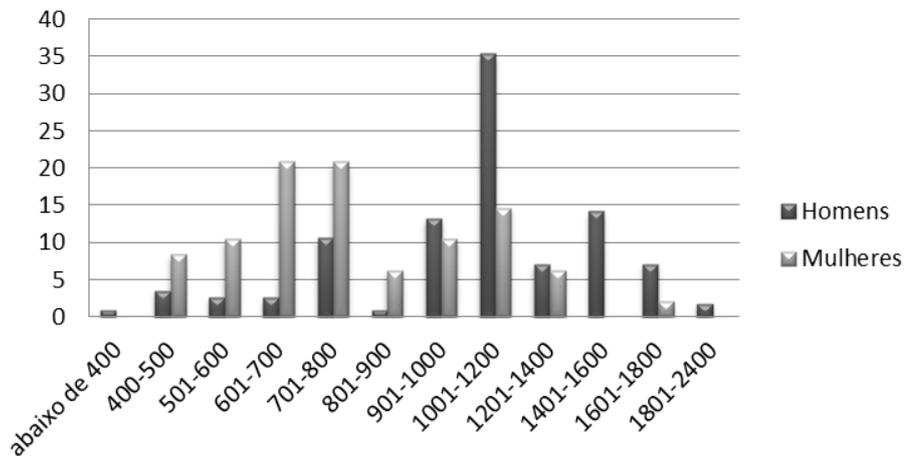


Figura 10: Faixa de renda pessoal por porcentagem de catadores de caranguejo do município de Magé, ano de 2013.

Faixa de renda familiar (%)

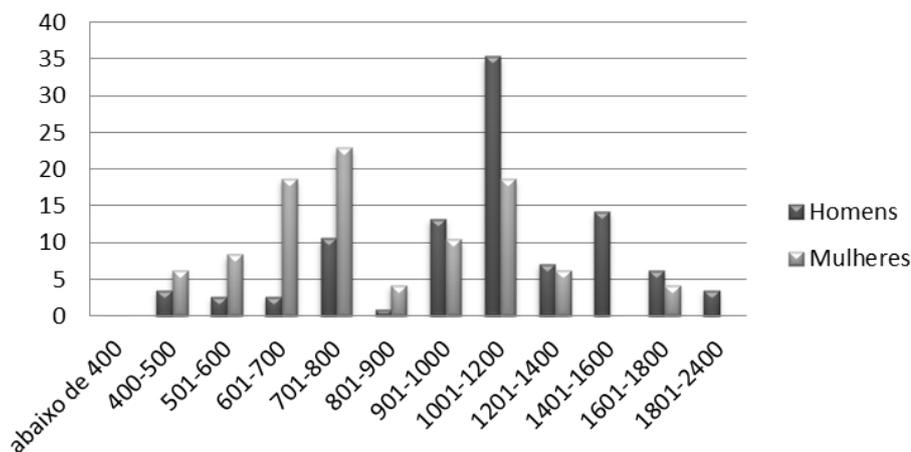


Figura 11: Faixa de renda familiar por porcentagem de catadores de caranguejo do município de Magé, ano de 2013.

Ao se comparar a coleta e os valores de comercialização entre gêneros, fica evidente que os homens conseguem mais nesta etapa (Figura 12), pois catam mais, em sua maioria.

A comercialização é feita principalmente em feiras e para a comunidade, 42% homens e 65% mulheres.

Diferente do que Nordi (1994 e 1995) disse para a Paraíba, e do que Rodrigues, et al (2000) encontraram para as regiões Sudeste e Sul, de que a comercialização geralmente é feita através de intermediários, para a localidade de Magé a maior parte dos catadores, independente do

gênero comercializa diretamente com o consumidor, fato este que favorece um melhor valor por unidade de caranguejo.

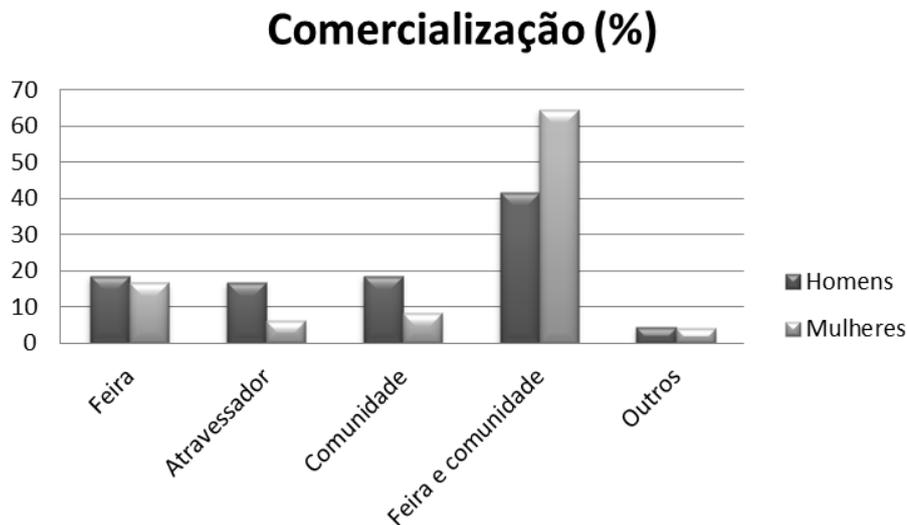


Figura 12: Forma de comercialização do caranguejo por porcentagem de catadores do município de Magé, ano de 2013.

4. CONCLUSÕES

O Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental dos Catadores de Caranguejo de Magé revelou o seguinte perfil do coletor (a) e coleta de caranguejo:

- Os homens corresponderam a 2/3 da população amostrada;
- A escolaridade para ambos os sexos, em sua maioria, é de 4ª série do ensino fundamental;
- A maior parte dos homens entrevistados tem 3 filhos, enquanto que as mulheres 2;
- A maioria dos homens não recebe benefício governamental, já a maior parte das mulheres recebe, sendo este o Bolsa Família;
- 76% dos homens e 75% das mulheres são vinculados a Órgãos de Classe.
- Quanto aos aspectos ambientais, a preferência pelas áreas de coleta não são as mesmas ao se comparar os gêneros, sendo que as áreas são diversificadas;
- A redinha ainda é fundamental como petrecho na catação, mesmo sendo proibida;

- 45% dos homens cata acima de 700 caranguejos por semana enquanto que as mulheres, na faixa de 100 a 200; e
- A maioria dos catadores, independente do gênero, prefere comercializar diretamente com o consumidor.

Com o aumento da pressão antrópica na região, acelerada por grandes obras e chegada de recursos humanos de todo o país e estrangeiro, o/a catador/a de baixa escolaridade e renda precisa ser alvo, paralelo ao recurso extrativista, de uma gestão sustentável que harmonize os diferentes aspectos de sua cidadania, ou seja, uma gestão que considere o conhecimento tradicional e a sustentabilidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alongi, D. M. Present state and future of the world's mangrove forests. **Environmental Conservation**, 29(3):331–349, 2002.

Alves, R. R. N., & Nishida, A. K. Aspectos socioeconômicos e percepção ambiental dos catadores de caranguejo-uçá *Ucides cordatus cordatus* (L. 1763)(Decapoda, Brachyura) do estuário do rio Mamanguape, Nordeste do Brasil. **Interciencia**, 28(1), 36-43, 2003.

Bispo, M.G.S.; Belga, P.P.S. Diagnóstico socioeconômico dos catadores de material reciclável inerte urbano (MRIU) dos municípios de São Gonçalo, Itaboraí e Niterói. Niterói: Petrobras; 2007.

Blandtt, L. S.; Glaser, M. Sociedade humana e o recurso caranguejo (*Ucides cordatus*) na costa do Pará. **Mangrove 2000, Sustainable use of estuaries and mangroves: Challenges and prospects**, 2000.

BRASIL. IBAMA. **Portaria nº. 52/03, de 30 de Setembro de 2003**. Dispõe sobre o período de defeso do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) e dá outras providências.

Fausto-Filho J. Crustáceos decápodos de valor comercial ou utilizados como alimento no nordeste brasileiro. **Biol Soc Cear Agron** 9:27-28, 1968.

IBAMA. **Relatório do Grupo Permanente de Estudos (GPE) do caranguejo-uçá, realizado no período de 17 a 20/12/91, em Fortaleza-CE**. Coleção Meio Ambiente. Série Estudos-Pesca,

Brasília. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis-CEPENE. pp. 107-140. 1994.

Magalhães, H. F. D., Costa Neto, E. M., & Schiavetti, A. Saberes pesqueiros relacionados à coleta de siris e caranguejos (Decapoda: Brachyura) no município de Conde, Estado da Bahia; Fishing knowledge related to the catch of crabs (Decapoda: Brachyura) in the municipality of Conde, Bahia State. **Biota neotrop.(Online, Ed. port.)**, 11(2), 45-54. 2011.

Nordi N. **Os catadores de caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) da região de Várzea Nova (PB): Uma abordagem ecológica e social.** Tese de doutorado, UFSCar. São Carlos. 107 pp. 1992.

Nordi N. A produção dos catadores de caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) na região de Várzea Nova, Paraíba, Brasil. **Revista Nordestina de Biologia** 9: 71-77. 1994.

Nordi N. O processo de comercialização caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) e seus reflexos nas atitudes de coleta. **Revista Nordestina de Biologia** 10: 39-46. 1995.

Reis, C. H. Caracterização espacial do Uso da Terra em áreas de manguezais utilizando diferentes sistemas orbitais – Um caso aplicado aos manguezais da APA–Guapimirim-RJ, **Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - INPE** p.6238. 2011.

Rodrigues, A. M. T., Branco, E. J., Saccardo, S. A., & Blankensteyn, A. A exploração do caranguejo *Ucides cordatus* (Decapoda: Ocypodidae) e o processo de gestão participativa para normatização da atividade na região Sudeste-Sul do Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, 26(1), 63-78. 2000.

Rosa, M. F. M., & Mattos, U. A. D. O. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. 2007.

Soares, M.L.G., Chaves, F.O., Corrêa, F.M. E Silva Jr., C. M. G. Diversidade Estrutural de Bosques de Mangue e sua Relação com Distúrbios de Origem Antrópica: o caso da Baía de Guanabara (Rio de Janeiro), **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, 26: 101 – 116. 2003.

Vasques, Ricardo O'Reilly, et al. Utilização das Áreas de Manguezais em Taipús de dentro (Maraú, Sul da Bahia). **Revista da Gestão Costeira Integrada**, 11.2:155-161. 2011.

Yokoya, N. S. Distribuição e origem. Manguezal: ecossistemas entre a terra e o mar. Y. Schaeffer-Novelli, **Caribbean Ecological Research**: 9-12. 1995.